



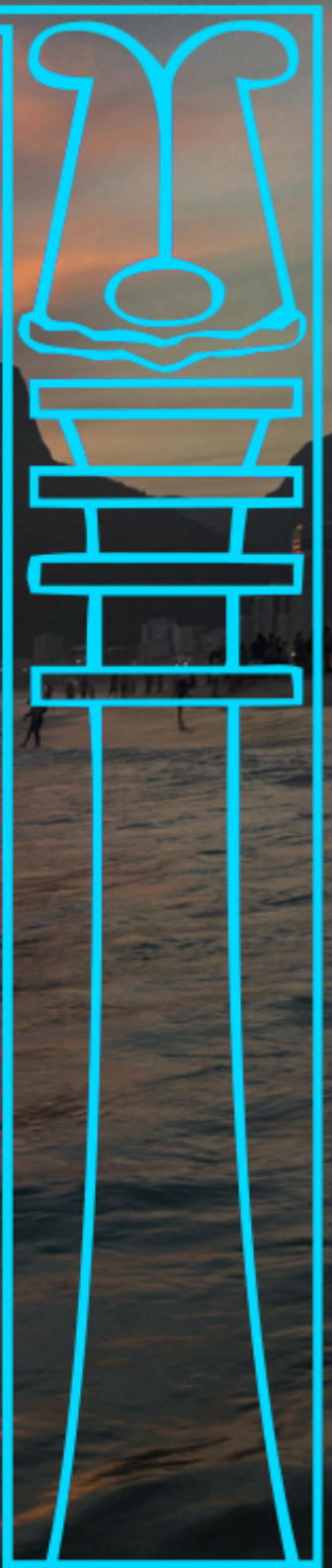
REVISTA

777



HÁ DOIS ANOS
FORJANDO OURO EM
AÇO

ANO 2 VOL 9



EDITORIAL

A décima edição da Revista 777 chega comemorando seu terceiro Solstício de Verão de muito sucesso e comprometimento na divulgação da Lei de Thelema no Brasil e no mundo. Sim, no mundo. Nossa revista vem crescendo, ganhando reconhecimento. Já conseguimos ultrapassar as fronteiras e parar até na China.

Em tempos de festejos de final de ano, nossa edição de Verão vem mais enxuta, mas não menos interessante e rica de conteúdo. Ela chega instigante e acalorada como esta estação tropical, trazendo uma entrevista com Sam Webster, uma tradução do Ritual da Soror Nema, e textos autorais com direito a imanifestos e manifestos, temáticas que vão do sufi a goécia, e claro, um pouco de arte para alegrar os corações.

Agradecemos a Sam Webster pela colaboração, disponibilidade e boa vontade em doar seu tempo para prestigiar a Revista. Agradecemos também a todos os leitores que nos acompanham desde os primórdios, e aos novos que sejam bem vindos! E não podia faltar agradecimentos à nossa equipe: aos Frati H418, I156, Amaranthus, Alhudhd, HeruRaha, e às Sorores Adler e Nemo.

A todos os leitores: divirtam-se!

Soror Ignis e equipe 777

Capa - Frater Heru-Ra-Ha
Projeto gráfico - Soror Nemo

revista777.com



SUMÁRIO

- 04 Witchcraft - Mariana Falcão
- 05 O imanifesto na Thelema brasileira - Soror Viqa
- 09 Luz em extensão - Soror Ignis
- 11 Balance por Miroslav Krnjajic
- 12 As regras Naqshibandi part 3 - Frater Alhudhud
- 18 Encontro com Bune - Frater F.V.L
- 24 Thelema Tupiniquim - Frater Hoor418
- 27 Thelema e feitiçaria - Frater Pan156
- 30 Arte por Ricardo Zollinger
- 31 Dedo no cu e iluminismo - Frater F418
- 34 Thelemagick - Asana - Frater Amaranthus
- 38 Entrevista com Sam Webster - Alhudhud
- 44 Rito das crianças (tradução) - Soror Nema



@mfalcao.studio

O IMANIFESTO NA THELEMA BRASILEIRA

Hoje é um daqueles dias em que as coisas convergiram e eu estou naquele estado entre incredulidade e torpor de questionar “por que estou fazendo isso” enquanto já vou fazendo. É que não é do meu feitio digitar textos. Quase registro aqui que não é do meu feitio escrever sobre meus insights, mas seria uma mentira descabida. Na verdade, eu não publico, mas escrevo muito, muito mesmo. Em papel, sempre, e eles ficam sempre guardados, comigo, sem a intenção de alguém ler.

Escrever para alguém ler implica ser compreendido por outras pessoas e isso limita demais meus pensamentos. Eu vivo o que penso; vivo primeiro e penso depois. Naquelas vivências em que as experiências se assemelham, sei que serei compreendida, mas em outras, não. Serei ignorada em boa parte, mas se meu texto incomodar, eu receberei de volta o mal estar que provoquei. E algumas pessoas sentem muito prazer em fazer isso.

Antes de começar a expor porque estou escrevendo, quero te passar uma ideia: Eu sou mulher, e mulheres vivem as coisas. Se você é homem, provavelmente você teoriza as coisas, só assim vai poder compreendê-las. Para você o que eu posso tentar fazer aqui é uma pobre tentativa de teorizar uma vivência que eu tive para que possa expandí-la para mim à esse território desconhecido da teorização, enquanto que você pode tentar transportar um pouco dessa ideia para a sua vivência.

Estive lendo um texto na Revista Thelêmica 777 acerca das mulheres em Thelema. A matéria traz uma pesquisa com recortes de falas e até números e gráficos que ficam bem atrativos para a parte masculina envolvida. Particularmente achei maravilhosa a matéria porque as informações que estão ali são tão reais que eu me questionei se tinha sido entrevistada também. Lendo, tive uma série de insights que preciso elencar em escrita.

1- Existe um esforço por parte das mulheres em traduzir sua fala para os homens.

Me pego muitas vezes pensando, pensando e refazendo falas e frases, buscando uma maneira de melhor expressar minha opinião quando preciso escrever para homens. Em grupos femininos, qualquer emoji já explica um universo inteiro. Isso não significa que não há textão, sim há, mas o que se segue à ele são mais relatos que corroboram a experiência exposta no textão, e não uma sucessão de

questionamentos a cerca da teoria ou da validade daquilo. Ambas as maneiras de abordagem são muito interessantes e muito produtivas, mas existe um diálogo complicado entre elas que exigem uma tentativa de compreensão. Creio que a humildade vem primeiro, a generosidade acompanha, e o amor em aceitar a fala do outro fazem com que qualquer fala seja bem aproveitada.

2 - Existe um esforço dos homens em compreender a fala das mulheres, mas isso parece partir apenas dos praticantes de thelema.

Veja bem... Eu tive esses insights lendo um texto de uma praticante dirigido à praticantes, então estou afirmando aqui que existem dois tipos de thelemitas: o que pratica e o que não pratica. Não vou cair no mérito de discutir “o que é um thelemita”, mas é importante pontuar que a interação com esses dois tipos é muito diferente. Observo que quando uma pessoa realmente se dedica à Thelema, ela tem uma escuta mais aberta às experiências alheias, e a mulher está mais propícia a falar de experiência do que de teoria. Então o discurso dela tem mais atenção de um público específico.

3 - Existe um silêncio muito grande das mulheres.

Estamos nos grupos, mas não colocamos opinião em grande parte das vezes. Algumas apenas pontuam com uma única frase discussões muito longas, ou fazem comentários que levam a discussão para um outro lado. O comentário geral das mulheres é o desinteresse em manter a discussão. Esse desinteresse é muito maior quando não existe um componente vivencial no assunto. E por que raios a gente leva informações para fora do foco? Porque existem diversas maneiras de discutir um assunto e talvez ampliando a visão, alguma aplicação prática do falatório possa surgir. Existe uma esperança dentro de mim de que em qualquer montanha de palavras possa ser construído um divertido tobogã, assim vou guardar em minhas memórias uma experiência empolgante, e não um registro de chatice. É uma alegoria estranha, mas é o que muitas vezes acontece: algumas falas trazem conexões maravilhosas entre a teoria e minhas vivências; outras trazem ofensas, desprezo, e demais comportamentos que deixam um alerta de frustração. Isso não está relacionado à humor, piadas ou brincadeiras, mas à inutilidade mesmo. A atitude de não levar nada a sério pode ser até interessante se isso te permitir liberdade de conhecer de tudo. O que não dá é para tirar a importância das coisas, isso é pessoal e tem que ser respeitado.

4 - Silêncio não significa não participação, significa não exposição.

Não dá para afirmar que não há participação das mulheres pelo fato delas estarem quietas. Acompanhamos tudo, acredite, não hesitamos em excluir grupos inúteis. Também não há aquele interesse de “olha, eu faço parte de um grupo seletivo de uma ordem secreta que ninguém conhece”. Mulheres estudam muito,

e de bibliografias variadas. Encontram uma teia de conhecimento em coisas que parecem lineares. Encontram referências em músicas, obras de arte, desenho de criança, em flores na rua. Mas esse tipo de coisa não faz muita diferença para quem quer receber conhecimento unicamente do magão pica das galáxias que conhece todas as teorias. Daí esse tipo de conhecimento não é exposto, é velado, e só é reconhecido por outras mulheres. Assim, uma delas conta que foi a noite no parque, olhou para a lua, compreendeu os textos sagrados, e teve uma vivência de conexão fantástica. Daí outras se encantam e testam a experiência, e tem vivências diferentes; umas tiveram medo de ir sozinhas, outras se sentiram desconectadas. Assim elas decidem ir juntas e logo você tem um grupo de mulheres de mãos dadas a noite, no meio do parque, compartilhando abraços e sorrisos, experimentando sentimentos de conexão e amor que não podem relatar porque as palavras retiram toda a grandiosidade da experiência. Um bando de loucas sem propósito, sem respaldo teórico algum. É assim que elas criam um corpo de conhecimento imanifesto em Thelema, e o praticante mais atento começa a notar que esse imanifesto está ali, olhando para ele, mas ele não pode ver. E isso começa a incomodar. Observo que há um movimento masculino muito forte em ouvir as mulheres e aceitar seus relatos. Muito forte, mas não muito grande, note a diferença. Não acho que eles conseguem traduzir isso para a teoria, mas eles conseguem sentir que o seu masculino busca esse componente feminino. Mas não devem conseguir traduzir mesmo, devem vivenciar. Há um momento em que a gente compreende que a nossa cultura interfere demais no posicionamento da mulher perante os espaços sociais, mas temos que aceitar que somos também sujeitos psicológicos que buscamos realização, e para isso vamos usar o que temos. E o nosso feminino está usando o silêncio e o vazio. Não precisa procurar muito para entender essa ideia. No Liber 65, capítulo 5, diz várias vezes “O pilar está estabelecido no vazio”. A física está estudando a matéria escura, o vazio literalmente. O homem tem o seu pilar físico, seu pênis, enquanto que a mulher tem o seu vazio, seu útero. Ela compreende quanta coisa acontece ali, o tempo todo. O pênis é visível, manifesto, não dá para omitir muita coisa quanto à ele. Já a vagina, o útero, são ocultos, e suas dores, prazeres e mistérios só podem ser sentidos, não vistos.

Enfim... o que quero deixar como ideia é que a presença da mulher é extremamente importante e ela já cumpre um papel fantástico na thelema quando consegue produzir um espaço oculto de mistério a ser buscado. Então, homens, quando vocês tomarem uma esnobada tipo “tenho preguiça de argumentar isso”, observe o que você sentiu e faça um esforço para entender que ali tem uma resposta que você ainda não está apto para alcançar, simplesmente porque espera uma resposta escrita, e não vivenciada.

5 - A relação entre mulheres praticantes e homens produtivos em thelema não é tão discrepante quanto a relação entre participantes masculinos e femininos em grupos.

Observe a escolha de palavras: praticantes, produtivos e participantes. Na thelema que eu conheci até agora, há mulheres que produzem mas não praticam; homens que praticam mas não produzem, e participantes que só assinam a lista de chamada.

A princípio, quando comecei a estudar (praticamente ontem) achei que não existiam mulheres na thelema. Depois descobri algumas, e mais adiante, muitas mais. A questão da presença oculta é tão forte que muitas delas estão fazendo a diferença no meio e nem se identificam como thelemitas. Você pode dizer “ah, então não conta”. Então espera aí, você está falando em mulheres na thelema, mulheres thelemitas ou integrantes de ordens thelêmicas? Simplesmente pense em qual delas faz diferença no teu caminho. Eu pensei nisso, mas também pensei nos homens que fazem a diferença em thelema, e daí a diferença já não me pareceu tão grande. Sei que existe um componente gigante de subjetividade nisso, mas é exatamente sobre isso que escrevi nesse texto todo.

Então é isso tudo que me ocorreu enquanto lia aquele texto. O que os homens têm a fazer agora é descobrir o que eles têm que fazer agora. Não vale perguntar para a esposa.

Referência: Soror Nun Ishtar, Astrum Argentum: Ordem que Exalta a Busca pelo Sagrado Feminino, com Carência de Mulheres, Revista 777 6º edição.

Soror Viqa

LUZ EM EXTENSÃO

Sou a superfície do mar na escuridão da noite,
Calma e misteriosa,
Onde não se vê a profundidade
E nem o que nela há.

Não há estrelas,
E sim um véu escuro que encobre o corpo de Nuit.
Aos poucos sinto uma brisa
que chega sutilmente a emaranhar minha apatia.
Surge um clarão no céu
Acompanhado por raios que me tocam a estremecer.
Me desperto!

A luz é tamanha que hipnotiza e paralisa;
Sou tão pequenina perante ela.
Sinto medo
E ele me impulsiona a encarar a ilusão
Da escuridão que me protege daquela luz
Que não me sinto capaz de suportar.

A noite chuvosa cede lugar ao dia
Que chega de mansinho trazendo
O alento da vida, o sol.

Agora estou sob seus raios
Que clareiam minha superfície
Expondo parte de mim.
Que alegria!
Me regozijo refletindo seu brilho!

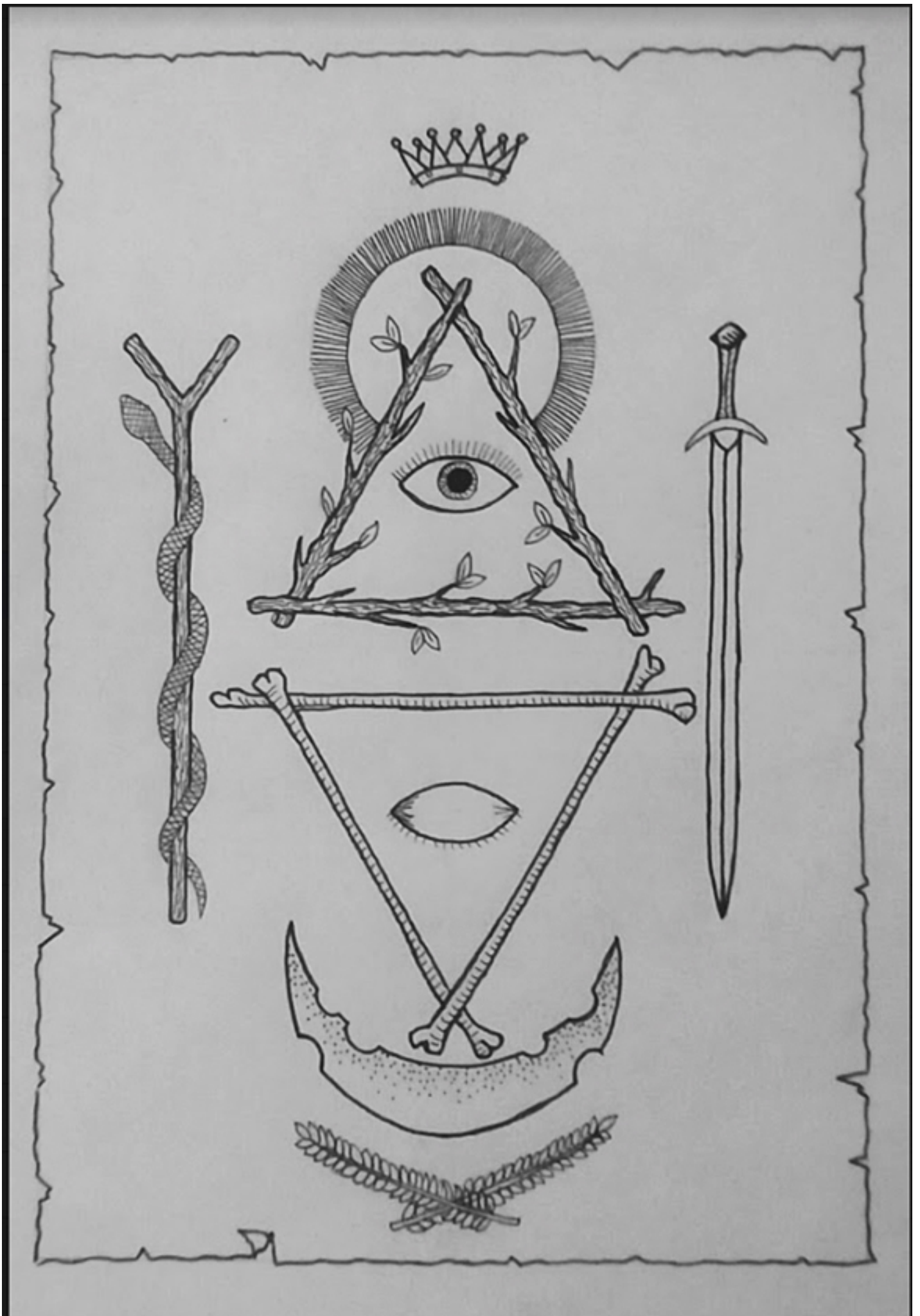
Me sinto em plenitude
Ao reconhecer minha contraparte.
A escuridão então se esconde em minhas profundezas
Fazendo realçar minha face iluminada.
Beleza imensurável!

Estava tão acostumada àquela escuridão que
Me abraçava e acalentava,

Que me senti tola ao perceber que ela
É a base estruturadora da luz.
O que seria de uma sem a outra?
O que seria de mim sem ambas?

Soror Ignis

Ignis@abadiadethelema.com



AS REGRAS NAQSHBANDI - TERCEIRA PARTE

Este artigo é sequência dos dois últimos, e embora o leitor possa fazer o que quiser, a recomendação é que comece pelo primeiro. Continuaremos a explorar os segredos ou regras Naqshbandi e comparar com o trabalho da Santa ordem.

Antes de entrar no conteúdo de cada regra é preciso ressaltar: A sequência colocada abaixo segue a ordem de trabalho do Omar Ali Shah; é sabido que em outros grupos estas últimas regras estejam em uma ordem diferente. Penso que seja a aplicação do método de cada linhagem.

E você vai notar que conforme as regras ficam mais abstratas eu, pobre aspirante a Thelema, terei mais dificuldade em criar essas pontes, mas acredito que possa gerar diversos insights

As regras 6, 7 e 8 necessitam de uma explicação prévia sobre a principal prática sufi: o Zikr, que é o exercício mais importante dentro da tradição sufi. Há diversas formas e variações de sua performance em cada ordens, linhagens e culturas. Assim como no ritual menor do Pentagrama podemos pensar nele como uma prática de começo meio e fim porém podemos vê-lo como uma prática de fazê-lo repetidamente e assim perceber como o uso continuado pode criar o que se necessita para o Real, é um dos primeiros exercícios e o que sempre será feito, tanto sozinho quanto na halka (trabalho em grupo). Quem tiver curiosidade com a prática recomendo a busca no youtube do termo “zikr”. O tradução do nome significa “Recordar” ou “Relembrar”.

“Transmite [aos demais] o que te foi revelado desta escritura divina, e seja constante na oração, pois, certamente, a oração refreia [o praticante] das ações desonestas e de tudo quanto atenta contra a razão; e a recordação de Deus (zikr) é na verdade o bem maior. E Deus já sabe tudo o que fazeis.” (Corão 29:45)

5. Neegar dashtan - Atenção na percepção do ser

Atenção neste contexto é estar constantemente alerta para pessoas, lugares músicas e outras coisas que tenham uma energia positiva (...). Significa estar pronto para estar aberto a impactos positivos, ainda que possam vir de uma maneira inesperada. O exercício das faculdades especiais é desenvolvido por contato com o Mestre e pela obediência às suas instruções. Ele sabe o que pode ou deve fazer, embora você possa imaginar ou esperar por algo diferente

Munahej ul-Sair disse “Neegar dashtan é guardar uma atenção especial e pre-

sença do que foi o resultado do nobre zikr, então a lembrança de qualquer outra coisa que não o Real não ache um caminho para o seu coração/mente.”

Khawaja Ubaydullah Ahrar disse:

“o significado de preservar a mente de pensamentos não quer dizer que o buscador consiga evitar esses pensamentos no início das tentativas, mas que esses pensamentos não distorça a presença requerida para o zikr. Pensamentos podem ser visto como uma palha que caiu numa corredeira, e mesmo não impede que a água siga seu curso . O discípulo sincero esta, através de seu amor pelo Shaykh, recebendo a energia divina (Fayd) do ser interior (Batin)”

Neegar Dashtan é se preparar para estar aberto pro mundo falar contigo. Não se trata de uma atenção forçada mas sim de estar atento, no seu dia a dia, a “coisas” que podem te dar insights, e os insights podem vir de qualquer lugar, som, texto e em especial após práticas místicas e mágicas. Pode ser que a mesma “coisa” aparece diversas vezes e não tenha tido a atenção devida e de repente, naquele momento, surge um sentido novo.

Esta atenção não só no dia a dia, na vida habitual, em eventos ou relações, dentro do trabalho iniciático é mais acentuada, por isso em muitos textos sobre essa regra acaba se observando a relação do mestre e discípulo ou na AA, o instrutor e o instruído. É usual que surjam insights quando se está atento para além do que o instrutor está falando, e para percepções que dialogam com outras partes de seu Ser. Diversas vezes, por exemplo, nem era exatamente o que o instrutor estava realmente dizendo, mas o instruído escuta algo a mais. Obviamente o islã é rodeado por palavras como submissão e obediência, mas se olharmos com mais distância é possível comparar as duas formas pelo Amor ao processo e dedicação que ambos têm pela ordem.

6. Yad dashtan - guardar na memória a percepção do ser

Guardar na memória é um exercício e uma regra pela qual você lembra de seu ser e suas experiências. Perceber o ser e o corpo faz você se lembrar de situações positivas. Recrie estas situações quando precisar sentir o positivo. Sinta a sua energia positiva e a harmonia com seu mestre, para que ele possa transmitir e você possa receber a energia que armazena em sua memória. Examine e recorde suas experiências positivas para que possa usá-las

Rashahat-i ‘Ain al-Hayyat it afirmou: “Algum dizem que o percebendo/ testemunhando, é a dominação do testemunhar o Real no coração através do Amor essencial”

Khawaja Ubaydullah Ahrar disse “Yad dashtan é uma expressão que significa a

durabilidade da percepção do Real Glorioso”

Numa forma mais mundana pode-se dizer que reter na lembrança o juramento assinado, ou seja, começar o dia e dizer a si mesmo: vou utilizar Yad Dashtan e durante o dia todo manter na mente o que se trata o juramento criará comunicações com o seu eu interior, essa regra somada à anterior eleva os insights em níveis altíssimos.

Mas para além dessa possibilidade entrando mais nas práticas místicas isto seria o auto observar em como se sente e como se percebe o mundo, lembrando que sentir e perceber não são a mesma coisa. Assim ao avaliar como se sente e se percebe o mundo externo, assim como onde que está equilibrado e onde está desequilibrado nos dá dicas valiosas para nos nortear em busca da Harmonia.

No processo mágico seria quais são os sentimentos e percepções das operações. Nisso o diário mágico é uma ferramenta fundamental para ser usado.

Um termo muito comum utilizado sobre o efeito de Yad Dashtan é Takkan, em português, “sacudida”. Quando se está utilizando essa regra o Ser essencial, ou o Real e aqui tomo a liberdade pra correlacionar com o SAG, tende a criar “ondas de choque”, para tentar alinhar você a ele. Já escutei também em aulas que a essência faz isso o tempo todo mas com a internalização de Yad Dashtan percebemos melhor essas ondas de choques.

Outra forma possível do trabalho é durante as práticas Yoga&Magia, e após a finalização da mesma, ou seja, não estando mais diretamente no exercício, é manter tanto o resultado mercurial quanto o lunar na prática e perceber como isso afeta e se relaciona com o resto do dia, gerando assim uma possível porta de diálogo com o SAG, sempre nessa trinca, “o que eu fiz, como percebo, como sinto”

7. Yad kardan - guardar na memoria exercícios

“Recordar” é um exercício de lembrar de situações nas quais a pessoa esteve. Lembrar de situações positivas no passado que a pessoa poderia ter usado mais positivamente. “Recordar” é lembrar que a pessoa está na Tradição, nunca se esquecendo disso, e usá-lo como energia e fonte de força.

Abdu’l-Qadir al-Gilani disse: “Na primeira etapa, repete-se o nome de Deus com sua língua; então quando o coração desperta, recita-se internamente. No começo, deve-se declarar em palavras o que se lembra. Aos poucos, a memória se espalha ao longo do ser descendo ao coração e subindo para a alma. Mais tarde, atinge o reino dos segredos; após o reino dos ocultos; de lá, para o mais íntimo do oculto”.

O significado de “Yaad” é Zikr. o Significado de “kard” é a essencia do zikr. O buscador tem te fazer o zikr por negação e afirmação (la ilaha ill allah - Tradução: Não há Deus senão O Deus) na sua língua até que ele alcance o estado de contemplação de seu coração (muraqaba).

A maneira mais simples de se utilizar do Yad Kardan é reler os diários mágicos. Ao reler conseguimos ter novas percepções dos eventos passados e ao mesmo tempo criar novas percepções do que se passou naquele instante do que foi escrito. E não só um evento mas também a sucessão de práticas, sem estar mais diretamente vivenciando aquilo; outra opção seria ver onde o mesmo efeitos de uma mesma prática surge em momentos diferentes da vida.

Outra forma de se utilizar o Yad Kardan é no ato mágico lembrar de como foi esse mesmo ato nas diversas vezes que ele foi praticado. Algo como: “dessa vez vou fazer minha prática, porque sempre eu fiz essa prática, faço e farei”. Sempre bom lembrar que no sufi, nunca é indicado se esforçar, fazer força etc.. por ser um desprendimento de energia que poderia ser melhor utilizado em outro lugar e portanto, cabe ressaltar que Yad Kardan é passivo, no segundo plano da mente. Se você ficar excessivamente focado em todos os detalhes da lembrança, poderá atrapalhar o ato pois “tem de passar por todos os estágios que estou acostumado a passar”. Assim como fazer força pra dormir não te faz dormir mais rápido.

E comparando com a AA, o Yad Kardan estaria inserido no processo iniciático como um todo, ou seja, o cumprimento dos juramentos, e escalar os graus é um processo analítico para que seja feito o essencial que é o C&C do SAG. Se observarmos que todas as etapas do processo, todas as práticas acabam tendo sempre isso como objetivo. Tem muito mais que daria para aprofundar aqui, nem todas os níveis de entendimento mas espero que essa introdução já ajude o leitor a procurar por si.

8. Baaz gasht (ou baz gasht) — restrição ou voltar ao mundo

“Restrição” é a imposição de autodisciplina a si mesmo, de diversas maneiras. Deve refletir-se em nossa atividade diária e em nossa atividade na Tradição. Uma restrição que a pessoa se impõe é a paciência

“Meu amado, você e sua aprovação é o meu propósito e desejo”

Para os iniciantes, esse princípio significa que se deva não só seguir o caminho dos exercícios espirituais, mas também cumprir os outros deveres que não obrigatórios para qualquer crente.

Tantos caminhantes espirituais quanto até mesmo alguns Shaykhs foram enganados nesse estágio e foram rebaixados dos seus ranks porque falharam em

seguir a Sunnah do profeta (alaihissalatu wa salam)

Então o princípio do naqshbadi “Voltar ao mundo” significa um retorno a religião e a retidão de Deus.

Essa regra é uma das que mais destoa das comparações possíveis. Afinal, quando lemos a palavra restrição, já respondemos automaticamente “a palavra de pecado é restrição”. Mas vamos a algumas explicações.

Um uso comum de Baaz Gasht é se restringir no mundo profano. Falar de magia é possível com todo mundo mas não necessariamente o mundo vai te entender, então acaba sendo mais indicado usar termos do dia a dia para repassar a mensagem. Assim como fazer um RmP no trabalho, embora seja interessante, pode causar um espanto nos colegas que observam você vibrando coisas estranhas, então colocar uma música, dar umas voltas no espaço, acaba sendo mais fácil, etc.. o instruído não pára de trabalhar no mundo material porém se adequa ao que o mundo material fornece para o trabalho. Também serve esta regra em outros espaços mágicos, como em outras ordens, Se em outra ordem há uma exigência de conduta então espera-se que ela seja cumprida da forma que aquele espaço peça ao invés de “Mas na AA eu faço diferente”.

Outro fator muito falado sobre essa regra é sobre agir no impulso e esperar ter energia o suficiente para agir. Ao meu ver seria parecido com o objetivo do liber jugorum, mas ao invés da auto imolação o uso seria mais da restrição de ações, e nessa restrição surja algo novo que estava tendo dificuldade em aparecer.

Há um fator dentro do trabalho mágico que também cabe aqui, que casa com a ideia de “sem ânsia de resultado”. Muitas vezes estamos no ápice do trabalho, cheio de energias, entusiasmado com a prática, e, como foi dito pelo Raul e Motta na letra do “eu sou egoísta”: “e fica arretado se o açúcar demora/e você chora, ‘cê reza, pede, implora”. O mundo tem o seu tempo de ação e de criação e essa paciência de se manter no trabalho, até que o ouro venha é algo que se internaliza com Baaz Gasht.

Este são todas as 8 regras originais dos NAqshbandi. Na história desta tradição outras 3 foram criadas e irei falar no último texto desta série. Os textos sufis sobre elas preferem não ser assertivos com o uso delas, deixando para que o neófito e o sheikh trabalhem juntos nisso. Então há momentos que durante o seu dia a dia, vc lembre de uma delas e aplique em um só evento, ou você deixa ela no fundo da mente, use mais do que uma por vez, vá adicionando aos poucos, até que todas estejam em vibração com o coração.

Elas também são gerais o suficiente para ser incorporadas na vida e eu acredito que nos textos sobre as regras há diversas dicas e ensinamentos de como

elas operam no trabalho da verdadeira iniciação e cabe ao aspirante conseguir entender o recado oculto destes mestres muçulmanos.

Frater Alhudhud

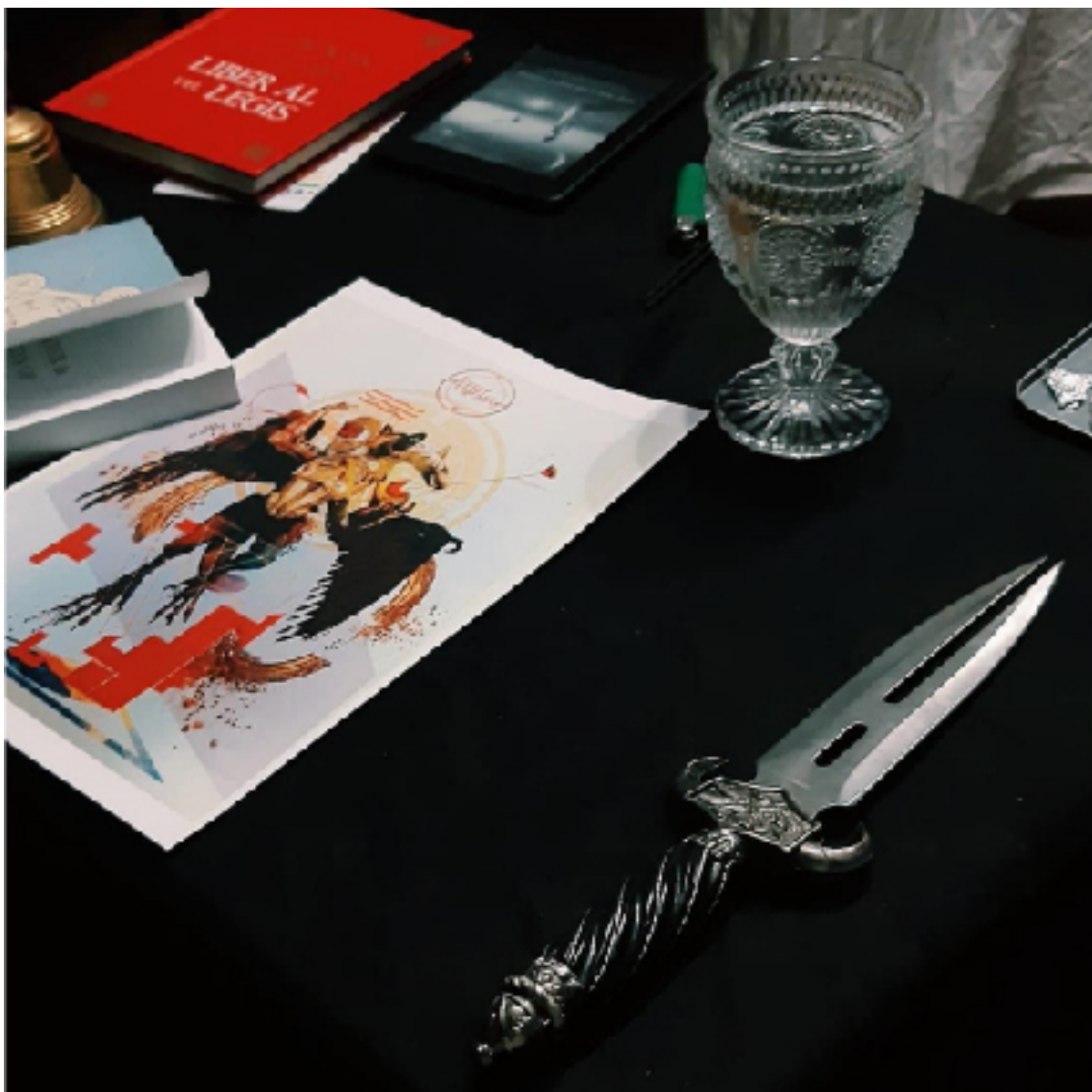
Fontes:

- 1- Ali sha - Omar: As regras ou segredos da ordem naqshbandi isbn 85-7213-018-7
- 2 - <https://coracaosufi.com.br/>
- 3- <https://naqshabandi.org/>
- 4- <http://shaykhnazimdergahnelsonuk.com/>

ENCONTRO COM BUNE

Faz o que tu queres vai ser o todo da Lei

O relato abaixo descreve uma cerimônia de goécia e tem fins educativos e científicos. A escolha do Bune deu-se de certa forma por conveniência, estando disponível a nós a época uma imagem muito bonita dele.



Na tarde anterior a cerimonia fui ao centro comprar velas e as últimas coisas. Fui parado na rua por um homem que fingiu que me conhecia, resumo da ópera, era um golpista que constrangia as pessoas a levarem “de graça” um perfume mas no final pedia dinheiro de uma forma incisiva, e eu que fiquei nervoso com

a situação acabei caindo no golpe, perdendo R\$20,00 só percebendo o que tinha acontecido alguns minutos depois.

Participaram deste ritual: Eu (Fr. F.V.L), Fr. Y.T.M.C, Fr. A.A., Fr. Mantra, Sr. Avani e Sr. Mus, se identificando Fr. F.V.L, Y.T.M.C e Fr. A.A. como Thelemitas, Soror. Mus como Satanista, Fr. Mantra como Artista Agnóstico e Sr. Avani como Bruxa.

No dia 19 de Outubro de 2019, nos reunimos em um templo alugado para tal fim e iniciamos os preparativos:

Um círculo de corda foi estabelecido em volta do templo, utilizamos fita adesiva vermelha para demarcar no chão os pentagramas exteriores do círculo (4) bem como hexagramas azuis e vermelhos nos pontos cardeais no interior do círculo (4), sobre cada pentagrama e hexagrama foi colocada uma vela branca conforme indicação do livro.

No centro do círculo havia um altar retangular de cerca de um metro sobre o qual colocamos: Adaga, Taça com água, sino, uma imagem do Bune, Livro da Lei, Livro The Greater and Lesser Keys of Solomon the King, Kindle, alguns bilhetes de loteria e um pequeno potinho com incenso.

Ao leste, fora do círculo havia um altar triangular onde foi passada uma fita adesiva creme nas laterais e sobre elas escrito os nomes THELEMA, AGAPE e ABRAHADABRA. Em cada ponta do triângulo uma vela branca, no centro o sigilo do BUNE e um pequeno turíbulo com incensos.

Atrás do triângulo havia uma cadeira que suportava um espelho negro de cerca de 60cm com uma moldura dourado escuro bem rebuscada, e atrás deste espelho em um altar mais distante havia uma estela da revelação.

Meia hora antes do ritual tive um contratempo familiar que poderia ter feito eu desistir do ritual.

Demos inicio as 22 horas, estando todos os presentes prontos realizamos uma meditação de cerca de 45 minutos ao som de “The Re-Stoned - Stories Of The Astral Lizard”.

Finda a meditação Fr. A.A. realizou o rubi estrela e em seguida abrimos o templo como temos costume. Após a abertura, realizei a primeira e segunda chamadas enoquianas e em seguida o ritual maior do pentagrama invocando em cada quadrante o respectivo elemento e vibrando a chave enoquianas correspondente aquela tabela (chamadas 1, 2, 3, 4, 6, 5).

Fr. Y. colocou para tocar “Cryo Chamber - Dark Gothic Music of Abandoned

Castles and Forgotten Temples”

Após este preparo, com a adaga na mão realizei o Bornless (em inglês) e logo em seguida, apontando a arma para o triângulo, iniciei a evocação do demônio usando uma oração em enoquiano retirada do livro do Lon Milo Duquette.

Lembro de me enrolar um pouco nas primeiras frases e a única forma que fluiu foi me entregar ao momento sem pensar muito em minúcias. Funcionou, Fr. Y. acompanhava o texto no Kindle relata que uma vez tendo pego embalo o resto fluiu de forma surpreendentemente suave.



Conforme avançava na evocação e falava mais alto, por momentos senti minha audição falhando, não ouvia nada por alguns segundos e depois voltava. Também notei que diferente das práticas enoquianas cotidianas e até mesmo as chamadas iniciais, que tinham um som “redondo”, essa evocação cada vez parecia mais um rugido ou grunhido.

Perto do fim do texto notei uma das velas soltando faíscas e produzindo um som de estalo, como quando a parafina escorre pelo pavio de uma forma inadequada. Aquele sinal me tranquilizou de que a coisa estava dando certo.

Quando por fim encerrei a evocação me sentia exausto mas com um sentimento de enorme satisfação. Tinha efetivamente conseguido realizar aquilo que era um trabalho muito complexo e pesado, típico desafio que eu gostava.

O pensamento agradável foi interrompido bruscamente quando senti Fr. A. segurando com as duas mãos meu braço de uma forma firme. Eu estava divagando e enquanto fazia isso, lentamente comecei a abaixar a adaga sem perceber. Fr. A. que

tinha experiência com goécia sabia que este era um erro comum de iniciantes e de antemão se posicionou ao meu lado sem eu ver.

Assim que senti o toque recobrei a consciência e percebi imediatamente que aquele era um truque do demônio. Mantive a adaga em riste apontando para o espelho negro entregando a Fr. Y. meu Kindle e dizendo para ele repetir em português a evocação que tinha feito em enoquiano.

Mantive a adaga em riste por talvez 5 ou 10 minutos, não sei ao certo, mas lembrava de sentir o braço queimando e de ter que segurar a adaga com as duas mãos para não abaixa-la.

Fr. A. corajosamente pegou o incensário que estava dentro do nosso círculo e colocou-o sobre o triângulo.

Lembro do embate mental que eu tive com Bune, a primeira coisa que vi foi a moldura do espelho negro vibrar com a fumaça rodopiando a sua volta e se transformar num trono negro e dourado que me era oferecido. Já preparado de pronto recusei e insisti que queria apenas uma quantia que havia estabelecido previamente (tomei o valor mais como teste de conceito do que propriamente um presente. Um valor que era plausível eu receber de trabalhos freelancer.), e a recompensa que eu o ofereci de expor o seu nome e imagem. Precisei diversas vezes insistir nisso, até que o dialogo mudou para outro tema, o de que eu estaria sendo “autoritário” com Bune ao trata-lo daquela forma, a imagem de um miliciano, ou um mafioso, alguém que oferece uma troca mas que no fundo é uma ordem extremamente autoritária. Ponderei um pouco mas por fim conclui que “era isso mesmo”, que se ele queria ver daquela forma, que fosse, ele iria me obedecer por que eu estava mandando e ele simplesmente não tinha escolha.

Apenas semanas após a cerimônia pude compreender o que houve neste momento. O tema de autoridade e imposição injusta é muito caro para mim, sendo uma pessoa extremamente libertária e avessa a esse tipo de comportamento, percebo que Bune tentou me testar em um ponto que eu fosse frágil psicologicamente. Não sei ao certo o que me levou a dar a resposta que dei, mas acharia tão plausível quanto eu ter titubeado frente a acusação de estar sendo autoritário e possivelmente recuado na minha posição, comprometendo a cerimônia.

Era consenso de todos ali que havia uma presença se manifestando, seja ela quem ou o que fosse.

Quando finalmente fiquei satisfeito de que as coisas estavam sob controle dei alguns passos para o lado abrindo espaço para que os demais participantes se aproximassem do triangulo.

Neste tempo Bune me sussurrou uma piada, que era como se eu tivesse sentado numa cidade de interior, numa varanda de uma casa, uma estrada de chão batido, e grito para uma pessoa que está muito distante, quase fora do alcance

da minha voz: “EI!!!!!!!” “EI!!!!!!!” “EI FULANO!!!!!!!” “VEM AQUI...” A pessoa caminha e depois de cruzar todo o trajeto para ouvir meu pedido, eu digo “pega um copo d’água pra mim?”. Como se eu tivesse trazido ele dos confins do inferno e utilizado um formato totalmente formal e pesado de domínio, mas que por fim eu estava pedindo algo quase insignificante. Ri bastante.

A medida que cada participante se aproximava do círculo, abracei Fr. Y. orgulhoso, estávamos muito apreensivos se a cerimônia “daria certo” em especial por que Fr. M, Sr. A e Sr. M não eram do mesmo rolê que a gente e não sabíamos como as coisas interagiriam com eles ou se seríamos capazes de manter a concentração.

Relaxe e observei com orgulho as pessoas no círculo, muito feliz de ter sido capaz de proporcionar aquilo para pessoas que são amigos queridos.

Fr. A. disse para darmos logo licença para partir. Imaginei que ele estava com pressa para um compromisso mas concordei que não tinha mais razão para estender aquilo ali.

Tendo o Duque do inferno sido tão cavalheiro e ouvido paciente e educadamente todos os presentes não vi razão para ser hostil, bati o sino com tranquilidade e percebi Fr. A. resmungando e se movendo atrás de mim.

Apontando o dedo para o triangulo falei de forma amigável a licença para Bune partir, quando me virei percebi que algo estava errado. Fr. A. estava amparando Sr. M. e disse para repetir o exorcismo.

Peguei a adaga com firmeza, bati o sino de forma a ressoar com clareza e comande que Bune partisse, sem fazer mal a qualquer um ali e que retornasse quando fosse chamado. No meio desta licença ouvi Sr. M. caindo no chão. Assim que as batidas do sino terminaram Sr. M já estava se sentindo bem.

Sobre esse momento Soror Mus relata que: ““Eu podia ouvir a voz claramente, como uma conversa (e foi uma conversa bem interessante). Tive a sensação de que me derrubaria várias vezes, mas não aconteceu até o segundo exorcismo, que me levou ao desmaio. Os colegas pareceram preocupados pela experiência aparentemente pesada, mas eu esclareci logo que foi intenso, mas positivo, e eu não esperava nada diferente disso de um ritual desse porte”

Após a licença para partir, o encerramento da cerimônia transcorreu sem maiores problemas.

Nota em especial para o fato de que ao fim da cerimônia, todos incluindo Sr. M estavam de bom humor e se sentindo leves e satisfeitos com a cerimônia.

Para a realização desse ritual houve o consumo de dietilamida do ácido lisérgico por parte de alguns participantes nas proporções de 250 microgramas (Fr. F.V.L, Fr. Y.T.M.C, e Soror. Mus) e 125 microgramas (Fr. A.A. e Fr. Mantra). Soror. Avani não comungou.

O amor é a lei, amor sob vontade.

Fr. F.V.L

frfvl93@gmail.com

Bibliografia:

Anotações de diário de Fr. Y.T.M.C

CROWLEY, Aleister & MATHERS, S. L. MacGregor – The Greater and Lesser Keys of Solomon The King

DUQUETTE, Lon Milo – Enochian Vision Magick_ An Introduction and Practical Guide to the Magick of Mr. John Dee and Edward Kelley. Weiser Books. 2008.

DUQUETTE, Lon Milo & HAYATT, Christopher S. – A goétia ilustrada de Aleister Crowley

REGARDIE, Israel – A Golden Dawn – A Aurora Dourada

THELEMA TUPINIQUIM PARTE 1

UM MANIFESTO

93 a todos,

A estória toda começa faz um bom tempo, quando recebia meus primeiros estudantes na Santa Ordem A.'.A.'. e obviamente as perguntas mais interessantes possíveis se descortinavam mas dentre elas me lembro de um estudante, brasileiro como eu, de origem macumbeira como eu, me fez a seguinte indagação e seguiu o diálogo:

- O que você acha da Goetia?
- Um método magicko
- O que você indicaria para leitura, estudo e pratica a respeito?
- Para leitura indico o Goetia do próprio Crowley pois uma vez que você esta de frente ao paradigma Thelêmico você vai aproveitar melhor e de fato ter ciência do que ele queria passar, caso você goste aprofunde seus estudos em comentários da mesma obra e busque outros autores de referencia bibliográfica reconhecida, estude os Daemons como parte de você e verá o quanto interessante tende a ficar o estudo, Quanto a pratica: “Faze o que tu queres” (impressionante o poder que o axioma traz as pessoas)

Já ressabiado ele me perguntou: Voce já estudou? Praticou? Como foi?

- Sim já estudei, nunca pratiquei a Goetia! (OOOOOOOOooooohhhhhhh!!!!!!)

Como assim Thelemita que nunca fez goetia?

Como diria outro axioma: “Quem tem Exu na sua vida, tem a vida nas próprias mãos” (uma pequena nota biográfica se faz necessária, minha família tem histórico participativo em tradição afro brasileira de nação, assim sendo, muito comum para mim todo esse universo) porém voltando aos motivos do porquê nunca pratiquei de fato, além do motivo acima escrito.

Utilizei sim o sistema de identificação das características de certos Daemons com qualidades e vícios meus, algo que diz respeito só a mim. Não pratiquei as vias de fato, porque em minhas mãos tenho outras ferramentas que me dão melhores e mais rápidos resultados, e acima de tudo (e agora adentro no motivo deste artigo manifesto) é porque sou Brasileiro, minha cultura e idiossincrasias pessoais são outras, bem distintas deste universo alheio e distante do meu, algo

medieval, pomposo e claro europeu.

Longe de querer começar agora aos quarenta do primeiro tempo um discurso etnocêntrico, sim Thelema nasceu das mãos do profeta, Mestre Therion, um gênio mas também: um inglês, burguês, herdeiro, (nunca pegou numa vassoura, nunca correu da polícia, nunca passou fome, lembrem dessas informações) um homem do seu tempo, ou melhor um europeu do seu tempo, e até ai nada demais. Inclusive afirmo que a Goecia é um sistema magicko eficaz, entretanto, nada tem de Thelemico a não ser o fato do profeta ter praticado e comentado, mas nada ali fará você ter uma mudança fundamental de paradigma ou a descoberta da Verdade Vontade. Nota-se varias vezes o (vão) esforço na repetição de padrões magickos eurocentricos em terras tupiniquins, meus caros, não tem como o veludo ser agradável nas terras de Pindorama, ou seja, essas experiências por mais carregadas de boa intenção, tradição, egregore e as vezes até com bom dinheiro não tem como ir à frente, não produz iniciação, acaba produzindo fantasias e desgostos, o que para mim é bem normal, somos diferentes, adaptáveis e improvisadores por natureza, não conheço um europeu que saiba rebolar! Muitos podem discordar: ah isso é papo desdenhoso de quem não chegou ao fim de nenhuma tradição místico magistica ocidental! Ledo engano, cheguei longe bastante ao ponto de afirmar que toda política envolvida na obtenção dos altos graus de tais ordens mostra muito mais a falência de tais instituições do que a capacidade destas na produção de iniciados, na duvida vale sempre ver o material escrito produzido recentemente por adeptos de tais ordens. Entretanto, este aqui trata se de um manifesto Thelemico e sim ele pode depois se espalhar para outras vias.

Mas qual a proposta? RaHoorKhuit Bacurau do sertão? Babalon passista da Escola de Samba? Não é proposta do manifesto o revisionismo da filosofia, sistema magicko e religioso de Thelema. Nossa proposta é fundamentada no ensaio “O dever” que para mim é um dos melhores comentários a cerca do sistema Thelemico. E assim, há neste documento relevante ponto que ressalto:

“A. Seu dever para consigo

1. Perceba-se como o centro de seu próprio universo.

“Eu sou a chama que arde em todo coração humano, e no núcleo de toda estrela.” (AL II,6)

2. Explore sua própria natureza e poderes.

Isto inclui qualquer coisa que é, ou possa ser, para você: e você precisa aceitar tudo exatamente como é por si só, como um dos fatores os quais vão construindo seu Eu Verdadeiro. Este Eu Verdadeiro em última instância inclui todas

as coisas: sua descoberta é Iniciação (a viagem interior) e como sua natureza é mover-se continuamente, ele não deve ser entendido como estático, e sim como dinâmico, não como Substantivo mas como Verbo.”

Marcelo Ramos Motta, sem dúvida a figura mais importante na implantação da lei de Thelema no Brasil, foi muito feliz em suas adaptações do sistema, seja o sistema individual da Santa Ordem, como o sistema coletivo dele chamado primeiramente de Sociedade Novo Aeon e depois implementado como SOTO. A adaptação do Motta já se nota na sua lista de leituras indicadas aos interessados na A.'.A.'. nos anos 60/70. A adaptação e improviso são lindas características dos brasileiros, notem que se hoje em 2019 ainda não se consegue adquirir as obras de Crowley presentes na lista de leituras ao estudante(a não ser em pdf) imaginem naqueles idos anos? Então o Motta fez uma adaptação dentro daquilo que poderia ser encontrado no Brasil e convergissem com a literatura desejada, não é uma questão de jeitinho, ou de fuga de responsabilidades, notem que ou era isso, ou não haveria trabalhos da Santa Ordem no Brasil. Em que momento nos deixamos de adaptar e seguir um modelo eurocêntrico?

Em 1973 o escritor Francis King publica o Secret Rituals of OTO, ao receber esse material Motta vê que há muita similaridade no conteúdo do livro com o material passado por Germer para ele. Assim novamente como um autêntico adepto ele gere um novo sistema iniciático de paradigma Thelêmico coletivo que veio ser a SOTO, obviamente houveram falhas, elas sempre irão acontecer, tanto para os que tentam como também para quem não faz nada. Em seu sistema Motta conjugou as experiências de cada grau numa ligação entre os caminhos da Árvore da Vida (partindo de uma visão bem judaica tradicional) com trabalhos de chakras e chamadas enoquianas. Mais sobre esse sistema será falado posteriormente, o intento aqui de novo é ressaltar a adaptação, Grant realizou sua adaptação sobre o sistema, críticos apontam as falhas, visto que ambas as ordens não agregam mais que uma dezena de iniciados, porém será que a ordem original hoje não sobrevive por conta de um grande fantasma cristalizado? Será que o caminho thelêmico tem espaço para ordens coletivas no modelo rosicruciano maçônico? Será que Vontades despertas se submetem a uma Vontade hierarquicamente superior? Pode uma Vontade desperta viver sob dogmas, segredos? Pode alguém que ama a Liberdade ver sempre as mulheres desempenharem papéis subalternos de liderança? Há espiritualidade em intrincadas fórmulas e um véu medieval sobre a contemporaneidade do mundo? E acima de tudo pode um Thelemita brasileiro se vestir de veludo ou seda ou seja lá o que for com capuz e luvas nesse verão? Na continuação irei expor práticas magickas criadas dentro deste parametro(continua.....)

Força e Fogo são de nós.

H418

hoor@abadiadethelema.com

THELEMA E FEITIÇARIA

Existem poucos artigos que tratam desse assunto, em geral não se vê tantos thelemistas (embora exista) que toquem nesse tema em redes sociais, vídeos do youtube e etc., até porque falar sobre isso as vezes pode causar uma visão que muitos concordam e outros não, mas devemos ter em mente que no plano de discos as coisas são assim mesmo, as vezes você agrada e as vezes não, existem aqueles que o amam e aqueles que o odeiam, mas tudo tem o seu devido lugar.

É rotineiro ver em outros lugares, como grupos de whatsapp ou facebook fora do âmbito thelêmico, pessoas que possuem uma certa ideia gravada na mente por conta de falsos “Mestres” com suas pregações divagantes e diarréia mental, onde diziam que “Thelemita quando vê que a coisa tá pegando fogo corre pro terreiro de macumba”. Alguns irmãos podem achar que o que vou falar aqui é uma comparação, mas de fato não é, não é meu objetivo dizer que “isso é melhor que aquilo”, não, nada disso! O que quero dizer é que temos que aprender a usar as armas que temos em mãos, e como muitos sabem, são diversas.

Para nos aprofundarmos um pouco mais no assunto não podemos deixar de falar um pouco sobre Magia Negra.

Em um ensaio escrito por Aleister Crowley, chamado A Magia Negra Não é um Mito, podemos encontrar a seguinte passagem:

“Para praticar magia negra você tem que violar todos os princípios da ciência, da decência e da inteligência. Você deve estar obcecado com alguma ideia insana da importância do objeto insignificante de seus desejos miseráveis e egoístas.

Eu tenho sido acusado de ser um “mago negro”. Nenhuma afirmação mais tola do que essa já feita foi sobre mim. Desprezo a coisa de tal forma que mal posso acreditar na existência de pessoas tão corrompidas e idiotas para praticá-la.”

Alguns dirão “ah, mas não existe magia negra, magia é uma só”, claro, e é óbvio que Crowley sabia disso, mas as vezes precisamos usar certos termos para explicar certas coisas.

A magia é uma só, não existe essa coisa de Magia Egípcia, Magia Grega ou Nórdica, o que existe é Magia com ênfase no sistema egípcio, ou magia com ênfase no sistema grego ou nórdico, no final das contas a fonte é a mesma, o que difere são os sistemas, cada pessoa possui inclinações para determinado caminho, se

existisse apenas um sistema, apenas um caminho, o mundo seria tão cinza... Não acham? Isso é apenas uma opinião pessoal, quem quiser que retire o melhor de cada palavra escrita.

Dentro desse ponto de vista temos que considerar certas situações, algumas vezes já publiquei na página da Abadia de Thelema Het Heru sobre dúvidas de correspondentes que perguntam se há problema em ser thelemita fazendo parte de uma outra vertente religiosa, a resposta é não, não há problema! Afinal a Lei é para todos. Depois de considerarmos esse pequeno ponto vamos voltar essa parte em que thelemita corre pro terreiro de macumba. Óbvio que os mais “experientes” não possuem essa... vamos chamar de necessidade...

Um thelemita quando vem de um outro sistema (vou usar esse termo), em geral acaba usando o conhecimento que já possui para se livrar ou amenizar certos problemas de sua vida. “Ah, mas fulano usou uma coisa não thelêmica, então ele correu mesmo”. Primeiro, o que é ser Thelemita? É sair pela rua gritando APO PANTOS KAKODAIMONOS toda vez que passarmos em frente a uma igreja? Creio que não, e é óbvio que não vou chegar aqui e dizer que “ser thememita é isso”, ou “aquilo”, não! O objetivo não é esse!

É costumeiro vermos também termos como Cabala Thelêmica ou Yoga Thelêmica, até surgiram boatos de uma umbanda thelêmica, mas o caso é que thelemizar as coisas não ocorrem dessa forma, não ocorre colocando a palavra “thelêmico” nisso ou naquilo para que algo se torne thelêmico. Não tem a ver com palavras, tem a ver com o ponto de vista, com o Estado de Consciência (recomendo a leitura do texto do Frater Achad, Passando do Velho ao Novo Aeon). Cabala e Yoga são ferramentas que utilizamos nesse processo de evolução, nesse processo de aprendizagem e conhecimento de si mesmo; nesse processo de equilíbrio e ascensão. A mudança começa dentro de você, e na A.'A.' muitas são as ferramentas.

“Existe auxílio & esperança em outros encantamentos.”

Liber AL II-70

Mas onde entra a questão da feitiçaria nisso tudo?

É simples, basta olharmos o Liber 777 e se pode ter uma idéia do que eu quero dizer.

Em geral algumas pessoas compram livros e mais livros que ensinam feitiços, amarrações e muitas outras coisas afins, porém, não seria mais interessante criar algo nosso?

Através das tabelas do Liber 777 é possível encontrarmos as mais diversas cor-

respondências cabalísticas de Ervas, aromas, incensos, velas, Deuses e etc., mas como usar isso?

O Livro 4 dá uma breve explicação sobre o assunto, o resto é só pensar um pouquinho.

Mas feitiçaria pode ser usada em Thelema? Não seria apenas o desejo do ego de se alimentar?

Isso depende muito do ponto de vista, como já citei acima, tudo começa pelo seu estado de consciência.

Dentro da senda iniciática podemos perceber que a iniciação não se trata apenas de um ritual, não é apenas a cerimônia, se trata de uma transformação que ocorre de dentro para fora, e no final das contas a iniciação deve ocorrer em todos os planos. Portanto todas as ferramentas que pudemos utilizar no processo iniciático são sempre bem vindas, desde a feitiçaria e até mesmo terapia. Terapia? É claro.

Em resumo, a prática da feitiçaria se encaixa muito bem no sistema Thelêmico, mas lembrando sempre que se trata do ponto de vista de como ela é utilizada.

PAN 156

email: pan156@abadiadethelema.com



RICARDO

DEDO NO CU E ILUMINISMO

Por um momento se desligue das influências externas e exercite sua imaginação: Noite animada de sexta em um bar frequentado pela juventude carioca, o casal que se conheceu por um aplicativo de pegação decide que querem ir para um lugar mais reservado para uma transa casual. Entram no banco de trás de um Uber com destino ao apartamento de um deles, o clima já esquentando e os beijos e carícias se tornando gradualmente mais ousados enquanto o motorista mantém a discrição. Chegam, e assim que fecham a porta do apê atrás de si, já começam a tirar a roupa um do outro. O cara mal desabotoa o cinto, e a mina já puxa a calça dele para baixo, arranca sua cueca, o joga sentado no sofá e inicia um delicioso boquete.

Não, você não está lendo um conto erótico—ao menos não dessa vez. Continue comigo por mais um momento e tudo vai fazer sentido.

Tudo está correndo a mil maravilhas até que a garota sutilmente tenta estimular o ânus do cara com o dedo. Embora ele já tenha experimentado esse estímulo sozinho e tenha achado excitante e prazeroso, em uma fração de segundos as mais diversas vacilações, medos, preconceitos e programações sociais entram em cena, e mesmo querendo que aquilo fosse adiante, o rapaz diz “não”.

Como citei em “Por Baixo da Máscara”¹, ao longo da formação da personalidade, somos expostos a uma miríade de influências externas por parte de nossos pais, familiares, amigos, sociedade, mídia, etc. que intencionalmente ou não acabam por afetar nossa autoimagem e comportamento.

Quanto mais um comportamento obtém como resposta o prazer físico ou algo com carga emocional positiva, como por exemplo, ser aceito em um grupo, maior a tendência do indivíduo de repetir aquele comportamento e abraçar esse comportamento como parte de sua identidade, enquanto um estímulo negativo criará resistência para que aquele comportamento se repita.

Como se a coisa já não fosse complicada o suficiente, toda vez que você reprime um impulso natural—e natural aqui tem a conotação de “de acordo com sua natureza”, e não animal—ocorre uma cisão: Esse impulso insatisfeito é relegado para algum cantinho obscuro do seu ser, onde alheio a sua consciência normal, tenta dar um jeito de se expressar, e fará isso de maneira desordenada, sem harmonia ou proporção. Por exemplo, quando sua identi-

¹ Disponível em <https://medium.com/@F.418>

dade sexual não se encaixa com os padrões dos grupos dos quais você depende ou valoriza, e agir de acordo com ela traz um estímulo negativo por parte deste grupo, pode ser que você, conscientemente ou não, decida reprimir as expressões dessa natureza, que voltarão para dentro e tentarão dar vazão a si mesmas de outras formas.

Com o tempo, esse amontoado de repressões participa cada vez mais na sua identidade, influenciando inconscientemente suas escolhas em um círculo vicioso que se retroalimenta, e podem levar você por uma direção totalmente oposta àquela que seria mais harmoniosa para sua natureza. Se a forma como você reage aos novos estímulos é influenciada por essas sombras sob as quais você não tem controle algum, como você pode então ser livre para escolher o que quer que seja?

A maioria das pessoas acha que é livre, que pode exercer seu livre arbítrio, mas isso é limitado pela parcela do quanto de si mesmas elas conhecem e controlam. Alguém que só conhece e domina a ponta do iceberg de quem ele é, está o tempo todo sendo empurrado de um lado para o outro pela parte do iceberg que está submersa e desconhecida. Há uma parte de si mesmo que você conhece, que você acha que é “você”. E há uma parte de si mesmo que você ignora. Essa parte que você ignora tem influenciado as escolhas que você pensa que toma apenas conscientemente. Como as partes ignoradas agem como forças cegas, elas não influenciam visando o conjunto coerente do seu ser, mas apenas em prol de satisfazer aqueles impulsos que lhes foram negados.

Uma boa parte do caminho do autoconhecimento em busca de uma liberdade cada vez maior consiste em descobrir, conhecer, e trazer para luz da consciência a parcela ignorada de seu ser, e grosso modo podemos perceber quatro estágios nisso. Voltemos ao exemplo do dedo no cu!

Estágio um: O homem recusa a dedada, e sequer perceber por que recusou. Responde ao estímulo com o automatismo forjado por anos de repressão.

Estágio dois: O homem recusa a dedada, mas sabe que no fundo queria, e sabe por que foi levado a recusar. Ele começa a questionar em que suas ações são inspiradas.

Estágio três: O homem aceita a dedada, vencendo essas vacilações através de vontade consciente. Ele enfrenta o automatismo e aos poucos afrouxa as amarras da repressão.

Estágio quatro: O homem não vacila por um instante sequer, e apenas curte o que deseja. Ele trouxe uma pequena fração de seu ser antes perdida na

sombra para a luz, e se uniu com ela.

Nesse momento, o “machão tradicional” levanta, bate na mesa e grita “pô Frater, aí não!”, mas eu insisto que você pare e se pergunte “mas por que não?” e veja se a resposta é convincente. Se você pergunta ao homem do primeiro ou do último estágio “porque você agiu desta maneira?” ambos lhe darão a mesma resposta: “Por que eu quis!” Aquele que age de tal maneira sob N influências que o escravizam acha que agiu com tanta liberdade e naturalidade quanto aquele a quem tais influências não afetam, e que é de fato livre. A não ser que o indivíduo possua algum avanço nesses assuntos, se incentivado a apenas agir conforme o primeiro impulso, por muitas vezes irá contra sua verdadeira natureza.

A esta altura, espero que tenha percebido que o “dedo no cu” é um exemplo genérico e não algo pontual. Pode ser qualquer coisa, desde seus instintos mais animais, até o ideal mais transcendente que você possa formular, e que na caminhada, surgirão diversas vezes, e com as mais variadas roupagens. Existe uma estrutura que permite lidar com esses assuntos de maneira gradual, ordenada e estruturada, e esta estrutura são os graus da A.’.A.’. Crowley-Jones, através de seus Juramentos. O primeiro deles, o do Probacionista, é “obter um conhecimento científico da natureza e dos poderes do meu próprio ser”, afinal, o primeiro passo para lidar com alguma coisa é conhecê-la. Nisso, um relatório científico e imparcial será seu maior aliado. Ele deve conter todo acontecimento que perturbe para bem ou para mal sua disposição física, seu emocional, que traga novos insights ao seu intelecto ou mexa de qualquer forma com seus ideais. Tudo isso perfeitamente registrado, pois a memória não é confiável, e as impressões imediatas estão carregadas dos vieses já citados. Os próximos passos eventualmente se tornarão evidentes.

E tudo isso é muito fácil? Não. É difícil para caralho, e poucos terão determinação de dar ao menos o primeiro passo. Mas para quem trilhar esse caminho, há a justa recompensa!

F418

fraterf418@gmail.com

<https://medium.com/@F.418>

THELEMAGICK - ASANA

THELEMAGICK:

आसनम्

स्थरिसुखमासनम् ॥४६॥

Sthira sukham āsanam

“Asana means a steady and comfortable posture”. Yoga Sutras, 2:46

A Astrum Argentum é dedicada à evolução espiritual do ser humano. Mas o que é evolução espiritual? Acho o termo “espiritual” bastante complicado e mal aplicado (assim como o termo evolução, aliás), mas poucas palavras tem a abrangência que tem a palavra “espírito”, ainda hoje. Espírito é a parte imaterial do ser humano, em sua definição mais básica de dicionário. A consciência, o temperamento, a personalidade, o humor, tudo isso faz parte do que o ser humano possui de imaterial e portanto devem estar passíveis de “evolução espiritual”. A evolução espiritual na A.A. é embasada na Lei de Thelema, que é “Faze o que Tu queres”: a Verdadeira Vontade então é guia para evolução de toda nossa parte imaterial.

Um dos objetivos da Magicka é a evolução dessa parte imaterial do ser humano e fazer algo evoluir não é tão simples quanto parece: exige foco, concentração, um mínimo esforço e força de vontade. Exige somar valores ao que já se tem em mãos. Se vamos nos desenvolver intelectualmente, precisamos realizar uma atividade intelectual intensa, que não vai acontecer automaticamente se ficarmos parados na frente de um livro. Exigirá de nós que leiamos de forma ativa, que argumentemos, que discutemos com os conteúdos. Para se obter controle de si mesmo em prol da realização dessa evolução espiritual - e futuramente na realização da nossa Verdadeira Vontade - é necessário conhecer o que queremos dominar - conhecer-se a si mesmo.

Diversas reflexões podem ser feitas sobre os nossos temperamentos, emoções, sensações, pensamentos, etc., a fim de nos conhecermos. Uma boa dose

de questionamento nos ajudará, bem como a experiência per se. Saber o que gostamos e o que não nos apetece, conhecer nossos desejos pode dar leves relances sobre a nossa vontade e sobre o que nos faz feliz. Para buscar esse controle que propiciará a evolução espiritual desenvolveu-se o Yoga, e com ela a primeira disciplina em busca do controle do próprio ser: a Asana, que tem por objetivo o controle físico para propiciar uma plataforma estável para o Samadhi, ou consciência meditativa.

Asana significa postura estável e confortável. Devido à sua natureza aparentemente mais física, muitos pensam que Asanas são exercícios físicos, quando na verdade ela une corpo, mente e consciência. Uma Asana bem praticada envolve mente, corpo e consciência em relação à posição e aos movimentos executados. Um simples “sentar-se” sem pensar não é uma Asana. Através da consciência firme no corpo é possível passar à consciência existencial. Em sua parte mental, a Asana ajuda a reorientar a atitude mental das pessoas, devido à influência que tem no sistema endócrino e outros processos cíclicos do corpo, como respiração, batimentos cardíacos, etc.

O resultado do controle físico, da percepção consciente dos processos do corpo (e do próprio corpo) resultam também numa estabilidade mental e emocional. O corpo, antes de ser minimamente controlado, passa por diversas interrupções. Essas interrupções são normais devido ao pouco costume que temos de parar e contemplar nosso próprio corpo, e de submetê-lo à imobilidade. Essas interrupções vão diminuindo conforme o corpo se acostuma com a imobilidade do corpo. Uma pessoa que faz Asana com a barriga cheia está sujeita a muitas interrupções, visto que a saciedade sentida causa sono e preguiça de concentração. O Liber E mostra algumas posições possíveis de Asana.

Diversas posições de asana podem ser encontradas no **हठ योग प्रदीपिका** (HathaYoga Pradipika - Luzes sobre a Hathayoga) e no **शिवि संहिता** (Shiva Samhita - O compêndio de Shiva), que descrevem algumas Asanas e são um dos tratados mais antigos sobre essas práticas e devido à relevância que possuem merecem destaque no currículo de Estudante da A.A.. É interessante notar que dentre os tratados até o século 17, na média apenas 20 Asanas eram consideradas importantes, portanto não faz sentido no âmbito de trabalho da A.A. querer dominar 100 posições diferentes de Yoga.

Dentre as interrupções mais comuns temos a dor, o cansaço, as coceiras, as ilusões de óptica e auditivas, entre outras. Os incômodos mais físicos são resolvidos naturalmente com a repetição dedicada, e seu teor, duração e quantas vezes ocorrem devem ser itens anotados. Quando as interrupções diminuem, o tempo pode ser excedido. Recomendo que não se retorne e não se pause a prática, pois parar e retroceder é aumentar dias e até semanas de prática até

o objetivo. O sinal de Asana perfeito é a sensação de estar absurdamente relaxado e esquecer das dores e incômodos anteriores. Apesar de eu recomendar, como meu Instrutor me solicitou, uma hora de Asana, a realidade é que 15 ou 20 minutos é suficiente para grande parte das práticas mágicas em geral.

Não há caminho para o controle de Asana - ou Pranayama, ou Japa - que não seja a prática. Magicka é uma ciência e uma arte, portanto nela o treinamento é também essencial. A Mágicka nos ajuda a evoluir o lado imaterial do nosso ser, e isso não quer dizer que devemos deixar de cuidar do nosso corpo físico: é por isso que existe Malkuth, e o treinamento físico deve vir simultaneamente ao treinamento espiritual, para que se alcance a totalidade da Grande Obra - que é realizada aqui e agora, no mundo da manifestação. A Asana é o limite entre o mundo físico e o nosso mundo espiritual interno: é ela que nos ensina, na marra, a desligar os sentidos de tudo o que está aqui e focarmos no que temos de essencial, até que atinjamos o Samadhi, a consciência do aqui e agora.

O probacionista pode usar também a Asana sem compromisso para lutar contra seus inimigos Dispersão e Inércia. A dispersão é caracterizada pela ocorrência de diversos pensamentos desconexos, devaneios relacionados a processos emocionais, psicológicos e mesmo do cotidiano. Uma inquietude total! E a Asana é perfeito para momentos de distração e dispersão, pois suas bases são o Foco e a Concentração. A inércia é vencida pela consistência, e a repetição diária força a criação de um momentum. A concentração perfeita para as práticas mágicas advém do relaxamento do corpo e da mente. Se estes não estiverem relaxados tentarão inúmeras vezes chamar a atenção. O Yoga é o sistema idealizado para isso, para relaxar mente e corpo e permitir concentração e hiperfoco.

O resultado dessa concentração focada, consciente, é a ocorrência espontânea da meditação: um estado de presença e observação constantes, o próprio estar acordado do estado que se conhece por búdico. Naturalmente a maioria das pessoas tem perturbações que as impedem de se concentrar. Muitos que pensam estar meditando não estão mais do que relaxando seus corpos e mentes. Somente com o controle do corpo e mente - que são um - é possível a concentração em qualquer outra ação, como por exemplo o Pranayama ou a Viagem Astral. É por isso que faz sentido dominar Asana como primeira disciplina mágica.

Um método Yoguico também tratado em Liber RV é a autoafirmação presente, “estou relaxando os pés”, “estou inspirando”, “estou expirando”, entre outras. Afirmar a ação que se faz no momento agora é estar consciente da ação que se produz. Não há muitas restrições para a prática de Asana, mas a experiência mostra que quanto maior o conforto, melhores e mais rápidos os

resultados. O uso de almofadas, por exemplo, pode ser adotado nas práticas de posições como do dragão. O bom senso deve ser levado em conta e também a saúde física, já que a intenção não é fazer da Asana um exercício de relaxamento como vê o mundo ocidental, mas sim a postura que manteremos por horas e horas futuramente. Não é necessário complementar que roupas confortáveis são importantes.

Um exercício preliminar que pode ser feito sentado no chão ou em cadeira é colocar os pés sobre a coxa oposta, trazendo para perto da barriga, como forma de alongamento. Um esforço mental deve ser feito para sempre expressar a ação como falei acima: “estou alongando minha perna, etc”. O esforço consciente em qualquer ato nos treina para a consciência meditativa do Samadhi. Simultaneamente podemos rodar o tornozelo algumas vezes em sentido horário e anti-horário. Isso pode ser feito também se é impossível você se levantar, por exemplo, no trabalho.

Não é possível qualquer desenvolvimento mágico sem Asana, sem dominarmos a imobilidade. Então não adianta muito fugir dessa etapa. Tão igualmente importante é a prática da Viagem Astral. A única vida eterna que podemos ter está na vida Astral, e o corpo astral é uno com nosso corpo físico. Ele pode ser “sentido” se alcançamos com sucesso Asana. Muita gente dá importância demasiada à evolução Astral e Mental e lembra pouco das atitudes no mundo manifesto, em Assiah. O objetivo da Aurora Dourada, ou primeira ordem do Santuário da A.A., é justamente equilibrar todos os elementos dentro de nós. Durante a imobilidade, somos bombardeados pelos pensamentos conscientes e também pelas emoções inconscientes. Devemos aprender a amar Asana pois ela nos trará talvez metade de toda a evolução espiritual que precisamos para atuar - neste e nos mundos vindouros.

Frater A.

ENTREVISTA COM SAM WEBSTER

Primeiro de tudo, obrigado por fazer esta entrevista. Sem mais delongas, vamos às perguntas:

Revista 777: Em Fevereiro, será lançado o livro “Complete Book of Cerimonial Magick” da Llewellyn. Você é um dos autores convidados. Como foi esse convite? Você gostaria de dizer algo sobre seu capítulo? Você e os demais autores conversaram ao longo da produção do livro? O que podemos esperar dele?

Sam Webster: Sim! Estou ansioso para o lançamento do livro no início do próximo ano. Sou parte da grande comunidade thelêmica que inclui Lon Duquette e David Shoemaker, os editores do livro, além de ser eventual autor da Llewellyn. Fui convidado a escrever o capítulo introdutório sobre história, provavelmente devido ao meu doutorado em História Pagã.

O maior desafio para mim foi escrever uma história para leitores não-acadêmicos. Há tanto que precisa ser ignorado ou tratado tão superficialmente que é dolorido para quem conhece todos os detalhes. Também é difícil englobar desde a Era do Gelo até 1500 E.C. em dez mil palavras. Além disso, minha tarefa era evitar as histórias mitologizadas mais comuns que Pagãos e a comunidade mágica têm sobre nosso passado, e apresentar a história realmente incrível de quem somos; porém, sem toda a argumentação que a faz ser tão envolvente. Mas ter a oportunidade de escrever nossa história valeu o esforço. Como autores, apenas recebemos nossas tarefas, e trabalhamos de forma independente. Mas aqueles que foram escolhidos são algumas das mais brilhantes mentes na comunidade contemporânea.

O livro deve ser um excelente compêndio sobre o “estado da arte” da Magia contemporânea. Será uma referência e um ponto de entrada úteis para a prática de Magia Cerimonial. Também será um marco histórico para ajudar aqueles que seguirão a entender como pensamos nossas práticas atuais.

R777: Você pode nos contar mais sobre a criação da Open Source Order of the Golden Dawn? O olhar Budista já existia no início ou foi algo que aconteceu durante o processo?

S.W.: A OSOGD foi fundada após um workshop que dei na PantheaCon de 2001 chamado “This is Cerimonial Magick, not That” (“Isso é Magia Cerimo-

nial, não Aquilo”). Neste evento eu fiz um acompanhamento através do ritual de abertura e encerramento de neófito 0=0 da Golden Dawn com Bruxas, Pagãos e Magistas do Caos altamente qualificados. No fim do ritual, afirmei que estaria disposto a discutir a possibilidade de realizar mais rituais como esse, caso houvesse interesse. Dezesete pessoas apareceram na minha casa duas semanas depois. Entendi que tinha uma Ordem em minhas mãos. Concordei em fundar a Ordem e liderá-la, mas apenas até que os membros tivessem conhecimento e capacidade suficientes para fazê-lo por si mesmos. Em 2008 tínhamos nove adeptos e instituímos nossas Constituição, que reformava a Ordem em linhas democráticas.

Uma dimensão crucial da construção da Ordem foi que a bondade militante de Boddhichitta fosse introduzida desde o início. Todo ritual era aberto com o “tomar Refúgio” e terminava com a “Dedicação ao Mérito”, enquanto a “Atitude Desperta” era mantida durante todo o processo. Eu soube do Budhadharma enquanto participei do Seminário no início dos anos 1990 e tive a sorte de receber treinamento e empoderamentos de professores e Lamas excelentes. Descobrir que os monges tinham problemas similares em suas práticas aos que nós magistas tínhamos, e por razões semelhantes, me chamou a atenção. Mas quando os métodos que monges e yogis criaram para resolver esses problemas apareceram eminentemente usáveis para a minha comunidade, fiquei fisgado e comecei o longo processo de traduzir as práticas em modos adequados para usuários de magia ocidental. Assim, próximo do início dos anos 2000 e da fundação da OSOGD, eu já estava usando, testando e ensinando essas práticas como um Dharma Pagão há quase uma década.

R777: Seu livro “Tantric Thelema” é excelente, especialmente por trazer a perspectiva Budista Vajrayana para Thelema. Como você criou este método? Como a comunidade respondeu a isso? Além da Vajrayana, que outra escola Tântrica você usa como referência? Quais técnicas você acha que inspiraram Crowley?

S.W.: Obrigada pelo elogio! Começando com o esforço de tradução que mencionei acima, eu percebi que os métodos invocatórios das Yogas Tantra eram muito próximos dos nossos próprios métodos, mas mais desenvolvidos e refinados. O livro “Culto de Tara” de Steven Beyer se mostrou um excelente ponto de entrada para prática dos rituais Tibetanos, e o todo do trabalho de H. V. Gunther também, em especial o livro “Recriação Simbólica”, ofereceram o guia para formular cada uma das subpráticas diferentes, que juntas formam o método tântrico da Mahayoga para transformação em um Ser Divino. Então, com muitos anos de meditação e prática, o modo como você o vê hoje no livro foi desenvolvido.

Os pagãos ficaram um pouco confusos com os elementos que eu estava tra-

zendo do Budismo para os nossos rituais, mas a partir do momento que eles perceberam que funcionava e ao terem sido apresentados [a esta perspectiva] de forma agradável, não houve muita recusa. Thelemitas tiveram visões bem diversas, variando da completa rejeição até em adotar e proliferar o método que eu publiquei. Nós, na OSOGD, usamos a prática para treinar nossos membros e preparar nosso Hierofantes. Alguns adeptos chegaram na Conversação e Conhecimento com seus Sagrados Anjos Guardiães por meio das invocações tântricas de Ra Hoor Khuit. É importante perceber que houveram grupos que trabalharam com os nossos rituais da OSOGD e retiraram os elementos Budistas. Nenhum deles durou muito tempo.

Os Tantras Hindus são uma “fonte fechada” e eles se ressentem de pessoas de fora de sua comunidade, com algumas exceções notáveis, que usam seus materiais. Os Budistas sempre foram generosos ao ensinar suas práticas e publicar (isto é, abrir fontes) suas explicações. Cada cultura deve absorver o Budismo da sua maneira, e Vajrayana não é uma exceção. Um dos Lamas com quem trabalhei ensinava que “Varjayana não possui vínculo cultural”, dando a entender que é necessário recriá-lo em cada cultura que aspira produzir suas realizações. Já que este é o “método mágico” ou o lado operacional do Budismo, não é surpreendente que serão os magistas do ocidente que serão aptos a aprender e usar Varjayana. Nós tendemos a seguir o olhar dos Ningma, especialmente aqueles do DzogChen, mas nós aprendemos com todas as escolas, em momento ou em outro.

Até onde consegui ver, Crowley talvez tenha sido inspirado pela ideia do tantra, mas vejo pouca evidência que ele tenha tido algum treinamento ou que tenha sido realmente introduzido a elas. Uma das pistas está no Tarot de Thoth, um projeto dele no final de sua vida. Ali, Crowley identifica os instrumentos no 2 e 10 de paus como Dorjes, o Relâmpago Tibetano. Mas eles não são Dorjes, mas sim Phurbus, a adaga (na verdade uma estaca de tenda) usado para fixar/aterrar os espíritos. Ninguém com um contato autêntico com a Tradição cometeria um erro como esse.

Me parece que o motivo das similaridades entre seus escritos e o Tantra se deva por ele também estar vindo de uma posição não-dual, a mesma que os Tantrikas já haviam estabelecido muito tempo antes e, por isso, começou a produzir resultados similares.

R777: Poderia nos contar sobre seu primeiro contato com a comunidade thelemica? Como era naquele tempo e o que você vê hoje em dia?

S.W.: Meu primeiro contato foi pela OTO através de um amigo de uma amiga no início dos anos 1980, enquanto estava na Universidade de Boston. Ela e eu estávamos explorando a espiritualidade mágica e ele nos mostrou o Ritual

Menor do Pentagrama e o Ritual do Pilar do Meio que são da Golden Dawn, exatamente o mesmo que há no livro de mesmo nome do Israel Regardie. Ele também nos introduziu o Livro da Lei. Eu achei o conceito que a minha vontade individual tinha algum tipo de contato com a vontade do Todo especialmente libertador. Na minha família de origem, minha vontade individual era irrelevante. Eu tinha de viver, vestir e me comportar tal qual me era dito. Meus gostos e desejos geralmente eram ignorados ou depreciados. Thelema me ajudou a descobrir meu caminho e me tornar um adulto funcional e me colocou em um intenso caminho espiritual que me trouxe conhecimentos profundos e experiências iluminadas.

Enquanto eu entrava na OTO em 1982, muitos dos thelemitas ao meu redor não eram membros, então a OTO nunca foi a única autoridade no assunto. Isso foi na época do Grady McMurtry e a organização trabalhava de forma mais dinâmica e solta. Ao longo dos anos seguintes, após o processo do Marcelo Motta e a SOTO e a Morte do Grady, a OTO foi reorganizada em linhas mais maçônicas e autoritárias. Mas nessa época eu estava trabalhando no contexto da Golden Dawn com Chris Monastra e Chic Cicero então a minha atenção já estava em outro lugar.

R777: Como você vê Thelema atualmente? Qual é a sua opinião sobre isso?

SW: Atualmente Thelema ainda ocupa um lugar central na minha vida, mas não vejo muito uso para Crowley. Eu acho [que Thelema], assim como muito do esoterismo ocidental pós 900 E.C., está muito manchado pelo Cristianismo e distorcido pela ignorância das formas antigas de prática [mágica]. Ao tratar livros thelêmicos sagrados, especialmente o Liber AL, como Tantra, isso me permite ligá-lo a uma corrente maior de prática, que foi chamada de teurgia no Oeste e Tantra no Leste. O material antigo pode ser atualizado em entendimentos e sensibilidades modernas e Thelema é central nessa transformação.

R777: Além de Thelema e Budismo, você também é um autor na comunidade pagã. Para você, quais as principais semelhanças e diferenças entre as comunidades thelêmica e pagã?

SW: A experiência que tive em boa parte da minha vida tem sido de que as comunidade thelêmica e pagã se interpenetram. Contudo, agora a comunidade pagã é grande e madura o suficiente para passar por um processo de especiação e, assim, todos os diferentes sabores de perspectiva e cultura estão se separando em diferentes grupos. A OTO e a A.'A.'. ainda estão aí, assim como uma variedade de numerosa de Thelemitas de "livre alcance", que tendem a entender Thelema na sua forma mais abrangente e Pagã. É aí que me encontro no momento.

R777: Antes de fundar a OSOGD, você fundou Chtonic Aurian Templar of Thelema. O que você pode nos contar sobre este grupo?

S.W.: Lá atrás nos anos 1980 e início dos 1990 a OTO parecia enfrentar um possível colapso, então Bill Siebert, Cliff Polick e eu formulamos um novo ramo da OTO, chamado Chtonic Aurian (ou Ourian) OTO como um lugar onde Thelemitas com interesses comuns encontrassem um lar em uma OTO interligada e descentralizada (não hierárquica). Num momento de boa vontade fraternal mudamos seu nome externo para Templars of Thelema de forma que membros da “OTO de Aleister Crowley”, também chamada de OTO “Califado”, pudessem se juntar a nós. Ainda que hoje em dia eu não tenha muito contato com a Ordem, sei que ela continua operando viralmente, então ela segue seu caminho.

R777: Como que o fato de ser graduado na Graduate Theological Union, mudou a forma como você vê magia, paganismo e magia cerimonial?

S.W.: Conseguindo primeiramente um Mestrado em Divinação (1993) e depois um Doutorado em História (2015) me levou a uma corrente maior do pensamento religioso ocidental e me deu as ferramentas para o entendimento e construção religiosa. Eu sei de onde nós, Pagãos, viemos e porquê tanto do material em esoterismo ocidental é tão distorcido e problemático. Agora a tarefa é construir de forma limpa uma espiritualidade viável e sustentável, que servirá aos humanos nas gerações vindouras, se conseguirmos sobreviver aos desafios que enfrentamos atualmente. Eu também acredito que o que almejamos construir nos ajudará a sobreviver os grandes desafios que nos espreitam.

R777: Na nossa revista acreditamos em trocas horizontais, aproximar pessoas em diferentes níveis do Caminho, em convidar pessoas para escrever e falar sobre o Caminho, mesmo que eles ainda não tenham atingido o nível de Adepto ou nível mais elevado. A comunidade Pagã hoje tem isso em comum conosco. Você pode falar mais sobre esse projeto?

S.W.: Pagãos sempre tiveram uma relação tensa com autoritarismo e igualitarismo. Eu pessoalmente sou fã da atitude de fonte aberta, onde devemos dividir e dividir entre iguais. Todos aprendemos e crescemos ao fazer isso.

R777: Vejo algumas semelhanças entre os seus trabalhos na OSOGD, Fundação Pantheon, EGNU (embora não tenha certeza se você faz parte dela) e alguns trabalhos aqui no Brasil que têm os mesmos princípios de pensar localmente, de forma aberta e horizontal, numa perspectiva dirigida à comunidade. Você entende isso como uma nova forma de fazer as coisas e dar certo? O que você pensa sobre isso?

S.W.: Nós que trabalhamos com espiritualidade de operação ocidental, seja Esoterismo, Paganismo, Magicka ou Feitiçaria, temos muito a aprender a partir da perspectiva que demos à ciência moderna. Da mesma forma que os manifestos da RosaCruz clamaram pelos “Sabios da Europa” para que partilhassem seu conhecimento para a prosperidade comunal, assim nós devemos partilhar nosso conhecimento e nossas experiências uns com os outros, para evitar que cometamos os mesmos erros ou que busquemos reinventar a mesma roda, mas avançar e estabilizar nosso caminho e produzir espiritualidades válidas e efetivas. A menos que façamos isso, duvido que a Humanidade irá sobreviver muito no planeta Terra.

Site de Sam webster:

<http://samwebstermage.com>

Para ler a entrevista original em inglês ela estará no link:

www.revista777.com/inter-sam-webster-eng.pdf

O RITO DAS CRIANÇAS

Este ritual não requer altar ou ferramentas, embora possa ser usado. O mestre de Cerimônias (de qualquer gênero) exige a resposta de todos onde indicado no ritual. As invocações e banimentos direcionais podem ser feitos por voluntários individuais, assim como as declarações e promessas na seção própria.

O canto de dança circular é cantado nas mesmas notas que o canto “Isis, Astarte ...”. (para conhecedores da HML)

As esferas de energia são geradas, mantidas e alteradas através da visualização e concentração de vontade. Seus efeitos táteis são espontâneos.

MC: FAZE O QUE TU QUERES HÁ DE SER TUDO DA LEI.

TODOS: AMOR É A LEI, AMOR SOB A VONTADE.

Abaixo: BES! ANCESTRAL UNIVERSAL! LIGUE-NOS COM AS PROFUNDIDADES DA ESPAÇO. Menor dos Deuses, linha de fronteira da energia e matéria, ANCORE NOS NA INCERTEZA DO SER.

Sul: OSÍIRIS! PAI DE NÓS TODOS! LIGUE-NOS À FORÇA DO FOGO. PROTETOR DE SEUS FILHOS, SENHOR DA VONTADE DE VIVER, Carregue a nossa vontade de mudança.

Oeste: ISIS! MÃE DE TODOS NÓS! LIGUE-NOS COM OS CAMINHOS DA ÁGUA. Feroz como a tigre, sutil como o fluxo do oceano, inunda NOSSOS CORAÇÕES COM AMOR.

Leste: HORUS! Irmão mais velho de todos nós! LIGUE-NOS COM AS ARTES DO AR! LIBERTADOR DE SEUS IRMÃOS, GUERREIRO DA CABEÇA DE FALCÃO, Liberte nossas mentes através dos ventos da mudança.

Norte: MAAT! IRMÃ MAIS SÁBIA DE NÓS TODOS! LIGUE-NOS À ENERGIA DA TERRA. DANÇARINA DA MÁSCARA DE EQUILÍBRIO, SENHORA DAS ESCALAS DE JUSTIÇA, UNIFIQUE-NOS NO TRABALHO COMPARTILHADO.

Acima: HARPÓCRATE! DESCENDENTE UNIVERSAL! LIGUE-NOS COM AS ÉPOCAS DO TEMPO. INOCENTE, SENHOR DO SILÊNCIO, EXPANDE-NOS NO

ETERNO AGORA.

MC: CRIANÇAS DO MUNDO HOJE, CRIANÇAS QUE AINDA VIRÃO - ESTA É A NOSSA PROMESSA: MUDAREMOS O PATRIMÔNIO DA TERRA.

TODOS: MUDAREMOS O PATRIMÔNIO DA TERRA.

Ritualista A: NOSSOS ANCESTRAIS, EM SEU ORGULHO DE GUERRA INDÚSTRIA E COMÉRCIO, ATRAVÉS DE UM PLANETA DEVASTADO PELA IGNORANCIA E GANHA.

Ritualista B: ENCONTRAREMOS NOVAS MANEIRAS DE VIVER EM EQUILÍBRIO, CURAR A TERRA NO MELHOR QUE PODEMOS, E SALVAR TODAS AS FORMAS DE VIDA PARA A NOSSA COMPANHIA.

MC: ABRAHADABRA

TODOS: ABRAHADABRA

MC: IPSOS

TODOS: IPSOS

MC: Então, seja assim.

TODOS: ASSIM SEJA.

MC: MUDAREMOS A HERANÇA DO LAR.

TODOS: MUDAREMOS A HERANÇA DO LAR.

Rit. A: ABENÇOADA É A CRIANÇA QUE O PAI PROTEGE E ACALENTAM, CUJAS MÃES NUTREM E FORTALECEM, E IRMÃS E IRMÃOS GUARDAM E ENSINAM.

Rit. B: AFIAREMOS, MODELANDO A NOSSA MÁGICKA, COMO ESPADA PARA CORTAR AS CADEIAS GERACIONAIS DE ABUSO E EXPLORAÇÃO: COMO NOSSA BAQUETA PARA INTRODUIR UM NOVO RESPEITO ÀS CRIANÇAS: COMO UM CÁLICE DE INTERIOR CONSOLAÇÃO PARA CRIANÇAS INFELIZES: COMO PANTÁCULO PARA ABOLIR A POBREZA.

MC: ABRAHADABRA

TODOS: ABRAHADABRA

MC: IPSOS

TODOS: IPSOS

MC: Então, que seja assim.

TUDO: ASSIM SEJA.

MC: MUDAREMOS O PATRIMÔNIO DO ESPÍRITO.

TODOS: ALTERAREMOS O PATRIMÔNIO DO ESPÍRITO.

Rit.A: Os sacerdotes oficiais do passado usaram a religião para CONTROLE NOSSAS VIDAS E NOSSA OBEDIÊNCIA. Através da culpa e do medo, ELES SALVARAM A NOSSA ESCOLHA DE NOSSA PRÓPRIA AÇÃO E PENSAMENTO.

Rit. B: CHAMAMOS VOCÊS, CRIANÇAS DO MUNDO, AO CAMINHO DA INICIATIVA. COMPROMETEMOS OS FRUTOS DE NOSSAS EXPERIÊNCIAS, NOSSAS PRESENÇA PARA SUAS PERGUNTAS E NOSSO AMOR COMO PARTICIPANTES.

MC: ABRAHADABRA

TODOS: ABRAHADABRA

MC: IPSOS

TODOS: IPSOS

MC: Então, que seja assim.

TODOS: ASSIM SEJA.

(Cântico e dança circular).

TODOS: HORUS MAAT HARPOCRAT PERSEPHONE MARASSA:
GANESHA EROS ELEGUA.

“TODOS IREMOS PARA AS CRIANÇAS
E DELAS RETORNAREMOS
COMO PHOENIX DAS CINZAS,
AUMENTANDO CADA VEZ AS MUDANÇAS”.

(Acelere conforme o poder aumenta. Comece a cantar a Palavra de Poder ao clímax.)

TODOS: N’ ATON N’ ATON N’ ATON

(Energias da terra com as mãos no chão.)

Acima: HARPOCRATES! RECOLHA AS ÉPOCAS LONGAS AO INSTANT NEO DO AGORA.

(Mantenha o tempo como uma bola de energia entre as mãos.)

Norte: MAAT! COMPRIMIR O NOSSO GRANDE PLANETA à ESSÊNCIA DA TERRA.

(Segure a terra como acima.)

Leste: HORUS! CONHEÇA OS VENTOS SELVAGENS DA SUA ARTE DO AR.

(Segure o ar como acima.)

Oeste: ISIS! RECOLHA AS ÁGUAS NO OURO DA SUA MÃOS.

(Segure a água como acima.)

Sul: OSIRIS! CONVIDE TODA A CHAMA À FORÇA DO SEU FOGO.

(Segure o fogo como acima.)

Abaixo: BES! DESENHO O FECHAR DOS LIMITES DO ESPAÇO INFINITO

NUMA UMA ESFERA PEQUENA NO AQUI E AGORA DESTE LUGAR.

(mantenha o espaço como acima.)

(Todos as forças chamadas convergem ao centro, pressionando suas esferas de energia juntos até que se fundam. O MC pega a esfera ao redor do círculo como cada participante a recebe e a mantém como uma esfera própria. Quando todos têm uma esfera, comprima e coma.)

MC: FAZE O QUE TU QUERES HÁ DE SER TUDO DA LEI

TODOS: AMOR É A LEI, AMOR SOB A VONTADE.

Nema

Horus Maat Lodge

Tradução **H418**



Ōmāri tēssālā mārāx,
tēssālā dōdī phōrnēpāx.
āmri rādārā pōliāx ármānā pīliū.
āmri rādārā pīliū sōn';
māri nāryā bārbītōn
mādārā ānāphāx sārpēdōn
āndālā hriliu.

I am the harlot that shaketh Death.
This shaking giveth the Peace of Satiated Lust.
Immortality jetteth from my skull,
And music from my vulva.
Immortality jetteth from my vulva also,
For my Whoredom is a sweet scent like a seven-stringed instrument,
Played unto God, the Invisible, the all-ruler,
That goeth along giving the shrill scream of orgasm